



O CORPO NEGRO NO SETTING-CORPO TERAPÊUTICO: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DOS ENCONTROS E DESENCONTROS ANALÍTICOS.

Adriana Soares Sampaio¹

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de
Psicologia - Universidade Federal Fluminense

Lidiane Aparecida de Araujo e Silva²

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de
Psicologia - Universidade Federal Fluminense

Cristina Mair Barros Rauter³

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de
Psicologia - Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este artigo tem por objetivo olhar para a psicologia brasileira e para a clínica psicanalítica evidenciando o corpo negro na cena clínica e ampliando a compreensão de *setting* terapêutico para *setting-corpo* terapêutico. Explicitaremos a problemática atual da psicologia, que entende o corpo negro apenas *a partir do sofrimento e aprisiona sua identidade na dor*. Embasadas em autoras (es) críticas da psicologia brasileira e referenciais da psicanálise mundial, buscou-se compreender a história racial brasileira abordando os desafios e potencialidades dos encontros e desencontros analíticos e também a potência que há no entre, nas possibilidades de composição entre analista e analisando. Buscamos construir uma clínica em que corpos pretos não se encontrem aprisionados, mas que seja um espaço de direito de expressão e de inteireza de ser, escapando aos estereótipos e objetificações.

Palavras-chave: corpo negro; *setting-corpo*; psicologia brasileira; clínica psicanalítica

¹Psicóloga Clínica, professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário IBMR (RJ), Mestre em Psicologia Clínica pela PUC -SP, Especialista em História da África e do Negro no Brasil (UCAM), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia -Universidade Federal Fluminense. Email: asoaoressampaio@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0009-0002-6015-2041>

² Psicóloga, psicoterapeuta, Analista Bioenergética, Membro da Sociedade de Análise Bioenergética (SOBAB); em Formação Reichiana pelo IFPW (Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia -Universidade Federal Fluminense. Email: lidiaaraus@yahoo.com.br ORCID <https://orcid.org/0009-0005-9038-8946>

³ É professora titular de Psicologia Social e Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, onde atua na graduação e na pós-graduação. Graduiu-se em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982) e doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Realizou pós-doutorado em Filosofia no Programa de Pós-graduação em Filosofia na UFRJ (2010) e na Universidade de Picardie Jules Verne D'Amiens, França (2011). Em 2018 foi professora visitante no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Suas pesquisas atuais referem-se aos processos de subjetivação contemporâneos numa perspectiva transdisciplinar que tem como base a filosofia de Spinoza. Seus estudos e pesquisas dizem respeito à Subjetividade Contemporânea; Intervenção Terapêutica, numa perspectiva transdisciplinar da clínica e ao campo da violência e da Psicologia Jurídica. Email cristinarauter@id.uff.br ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7840-445X>



THE BLACK BODY IN THE THERAPEUTIC SETTING-BODY: CHALLENGES AND POTENTIALITIES OF ANALYTICAL ENCOUNTERS AND DISAGREEMENTS

Abstract: This article aims to look at Brazilian psychology and the psychoanalytic clinic by highlighting the black body in the clinical scene and expanding the understanding of therapeutic setting to therapeutic setting-body. We will explain the current problem of psychology, which understands the black body only from the suffering and imprisons its identity in pain. Based on critical authors of Brazilian psychology and references of world psychoanalysis, we sought to understand Brazilian racial history by addressing the challenges and potentialities of analytical encounters and disagreements and also the power that exists in the between, in the possibilities of composition between analyst and analyzed. We seek to build a clinic in which black bodies are not imprisoned, but that is a space of right of expression and wholeness of being, escaping stereotypes and objectifications.

Keywords: black body; setting-body; brazilian psychology; psychoanalytic clinic

EL CUERPO NEGRO EN EL ÁMBITO TERAPÉUTICO-CUERPO: RETOS Y POTENCIALIDADES DE LOS ENCUENTROS Y DESENCUENTROS ANALÍTICOS

Resumen: Este artículo tiene como objetivo examinar la psicología brasileña y la clínica psicoanalítica, destacando el cuerpo negro en la escena clínica y ampliando la comprensión del escenario terapéutico al escenario terapéutico-cuerpo. Explicaremos el problema actual de la psicología, que entiende el cuerpo negro sólo desde el punto de vista del sufrimiento y aprisiona su identidad en el dolor. A partir de autores críticos de la psicología brasileña y referencias del psicoanálisis mundial, buscamos comprender la historia racial brasileña abordando los desafíos y potencialidades de los encuentros y desencuentros analíticos y también el poder que existe en el entre, en las posibilidades de composición entre analista y analizando. Buscamos construir una clínica en la que los cuerpos negros no sean encarcelados, sino un espacio de derecho de expresión y plenitud del ser, escapando de estereotipos y objetivaciones.

Palabras clave: cuerpo negro; setting-cuerpo; psicología brasileña; clínica psicoanalítica

LE CORPS NOIR DANS LE CADRE THÉRAPEUTIQUE: ENJEUX ET POTENTIALITÉS DES RENCONTRES ET DÉSACCORDS ANALYTIQUES

Résumé: Cet article vise à examiner la psychologie brésilienne et la clinique psychanalytique en mettant en évidence le corps noir dans la scène clinique et en élargissant la compréhension du cadre thérapeutique au cadre thérapeutique-corps. Nous



expliquerons le problème actuel de la psychologie, qui ne comprend le corps noir que du point de vue de la souffrance et emprisonne son identité dans la douleur. En nous basant sur les auteurs critiques de la psychologie brésilienne et sur les références de la psychanalyse mondiale, nous avons cherché à comprendre l'histoire raciale brésilienne en abordant les défis et les potentialités des rencontres et des désaccords analytiques, ainsi que le pouvoir qui existe dans l'entre-deux, dans les possibilités de composition entre l'analyste et l'analysant. Nous cherchons à construire une clinique dans laquelle les corps noirs ne sont pas emprisonnés, mais plutôt un espace de droit d'expression et de plénitude de l'être, échappant aux stéréotypes et à l'objectivation.

Mots clés: corps noir; cadre thérapeutique; psychologie brésilienne; clinique psychanalytique

INTRODUÇÃO

A importância concedida ao corpo na cena clínica tem variado entre as correntes do campo da psicologia. Freud começou a analisar o inconsciente a partir das histéricas, na medida que elas apresentavam em seus corpos sinais sintomáticos daquilo que não podia ser dito e evocado. O sintoma histérico da época trazia nas conversões a expressão da opressão de gênero, além de outras repressões ligadas ao controle da manifestação da sexualidade em uma sociedade altamente reguladora e hipócrita.

Muitas vezes, o arcabouço corporal é desvalorizado, dando passagem, no *setting*⁴, ao seu enquadre a partir da palavra, talvez pela hegemonia da psicanálise em nosso país. Russo (1993) divide em três momentos históricos distintos a presença da psicanálise entre nós: o primeiro, composto pelo envolvimento dos primeiros grandes psiquiatras brasileiros nas primeiras décadas do século XX; o segundo, caracterizado por sua brutal expansão a partir do final dos anos 60 (invertendo a relação sobreposta que mantinha com a psiquiatria), período em que aparece um novo profissional na área, a psicóloga, que passa a gravitar em torno dos psicanalistas, que eram em sua absoluta maioria médicos; e o terceiro, na década de 80, período no qual surge o lacanismo por um lado, e por outro as terapias corporais.

Prestes (2020), no artigo intitulado *E eu não sou do campo psi?*, afirma que no Brasil o campo que inclui a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise, e que costuma ser denominado como campo 'psi', apresenta-se pretensamente neutro, procurando promover a saúde mental por meio de referenciais de psiquismo e saberes considerados

⁴ Barros (2013) define *setting* como um espaço em que a estruturação simbólica dos processos subjetivos inconscientes é propiciada reunindo condições técnicas para a intervenção psicanalítica.



universais, compactuando e por vezes produzindo algumas violências. Esse campo violenta quando não escuta, e muito menos dialoga com outros referenciais, patologizando o indivíduo em sua singularidade. A autora afirma que, ao analisar o campo de produções de algumas das principais figuras negras, conclui-se que ensurdecimentos e cegueiras precisam ser revertidas por um ecoar de vozes que permitam não somente dar abertura para tantos trabalhos realizados, mas estabelecer diálogos, continuidades e acúmulos. É preciso também desalienar o campo psi e descolonizar suas atuações, pois quem deveria ouvir, na verdade realiza uma “não escuta”, ao enxergar somente referenciais brancos, mantendo privilégios, e o poder de dizer o que é normal a partir do seu próprio referencial. A autoridade de quem supostamente dá saúde e paz à sociedade, por meio do extermínio dos elementos indigestos, sem assumir que teorias e técnicas colonizadas são estratégias de dominação política, exploração e alienação, invisibilizam e patologizam.

Essa negação de saberes está na história da ciência, mas se faz presente também no campo do cuidado psi, em suas diferentes abordagens teóricas e metodológicas, ao receber o indivíduo negro, as famílias negras ou grupos negros, ao mesmo tempo deslegitimando os saberes trazidos por aquele que chega aos consultórios e instituições de saúde mental. Muitas vezes aquele corpo é aprisionado em um emaranhado de visões fundamentadas apenas no sofrimento.

Regina Marques de Souza Oliveira e Maria da Conceição Nascimento (2018) ressaltam o descompromisso histórico da psicologia, principalmente no campo da clínica com o sofrimento das populações negras, apontando como dimensão psíquica brasileira o desafeto com relação a queda do “mito da democracia racial”, visto que este campo científico aparece silenciado diante dos aspectos sócio-históricos e passa ileso de cobranças, manifestando mecanismos defensivos sugeridos pelas autoras como recalque, tabu e trauma ao apresentar pactos servis com a elite branca do nosso país, constituindo assim a ciência da psicologia brasileira.

O presente artigo pretende abordar a importância de que seja mantida o que aqui denominamos ‘inteireza’ de quem chega ao atendimento, em especial quando se tratam de pessoas pretas. Como sabemos, nossa sociedade está assentada em uma imagem parcializada dos corpos pretos, encarcerando-os em conceitos a serem seguidos, como aponta Grada Kilomba (2019), que enquadraram os corpos pretos em cubos brancos. O cubo branco, apontado por Kilomba, remete à primazia da branquitude ditadora de



lugares, direitos, belezas e garantias. Os corpos pretos não encontram no cubo espaço e direito de expressão à inteireza do seu ser.

Ao pensarmos na herança branca e europeia das correntes psicológicas no Brasil, adentramos no grande desafio que é a importância de uma psicologia disposta a quebrar as correntes imputadas pelo cubo branco, a fim de questionar e abarcar compreensões que contemplem as necessidades do nosso povo 'amefricano', como nos dizia Lélia Gonzalez, quebrando a chaga do racismo por denegação tão característico do nosso país.

No século XX, Frantz Fanon, Neuza Santos Souza e Isildinha Nogueira Baptista, trazem o corpo negro para o divã, metafórica e concretamente, quando o problematizam do ponto de vista teórico e dão existência e lugar a estas subjetividades. Para a psicanalista Neuza Santos Souza (2021), saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida às exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Isildinha Nogueira Baptista, também psicanalista, no livro publicado após 20 anos da elaboração de sua tese, conseguiu o respaldo da comunidade acadêmica e intelectual para assegurar o título como gostaria desde o início: *A Cor do Inconsciente: Significações do Corpo negro* (2021), esbarrando nos melindres supostamente teóricos da compreensão da psicanálise pela academia de que o inconsciente não teria cor, e que por isso o título desejado inicialmente não poderia ser utilizado. Nos anos de 1998, ano da defesa de sua tese de doutorado, trazer essa discussão para a maior universidade do país não seria nada simples. Contudo, é de suma importância ressaltar que uma das grandes propagadoras da psicanálise no Brasil foi Virgínia Bicudo, cuja contribuição e valor foi boicotada e escamoteada pela branquitude nas grades curriculares dos estudos em psicanálise.

Após ter sido acusada no Brasil de charlatã no Congresso de Saúde Mental de 1954, Virgínia Bicudo teve contato com Winnicott e Bion, e foi recebida em Londres por Melanie Klein (Teperman; Knopf, 2011). Regina Marques de Souza Oliveira destaca em seu artigo *Frantz Fanon, Psicologia e Psicanálise: epistemologias da violência*, publicado no Dossiê Temático *Racismo, Saúde Mental e Território: Desafios Políticos e Epistemológicos na Clínica Ampliada* desta mesma revista em 2018, o apagamento, o desprezo e o escárnio sofrido por Frantz Fanon, assim como o sofrido por Virgínia Bicudo. Em que pese todo valor desses autores, Oliveira afirma que:



Foi pela ação e influência da branquitude que Virginia e Fanon (mulher negra, homem negro) tiveram muito menos do que plantaram. Enquanto outros, sob os favorecimentos da branquitude, colheram inclusive os frutos que Virginia e Fanon cultivaram. Ou seja: a branquitude favorece a apropriação dos recursos obtidos por toda uma coletividade pertencente a diferentes grupos étnicos, culturais e sociais. (OLIVEIRA, 2018, p. 55)

Contudo, apesar das artimanhas da branquitude, a autora ressalta que as tentativas de apagamento não diminuem a grandeza de suas produções. Oliveira retrata que Virgínia Bicudo fundou a sociedade brasileira de psicanálise de Brasília, foi responsável pela difusão da psicanálise nas escolas públicas na orientação de professores e famílias, além de ter consolidado junto a Durval Marcondes, inúmeras ações formativas na Sociedade Brasileira de Psicanálise. Oliveira afirma a importância de ressaltar o fato de Virginia ser a única mulher deste grupo, além de ser preta.

Abordar a questão racial pela psicanálise naquele tempo era uma grande quebra de paradigma, visto que a psicanálise teria que abordar questões para além do reino do intrapsíquico e lidar com os múltiplos atravessamentos que a vida traz para a dita instância intrapsíquica, como bem abordaram Fanon e Virgínia Bicudo, no início dos anos 1950, em suas inúmeras publicações no campo da saúde mental e das relações raciais. Por ser socióloga, Virgínia Bicudo pode trazer a cor para sua compreensão psicanalítica da saúde mental de pessoas pretas, contribuindo significativamente para o que foi amplamente trabalhado posteriormente por Neuza Santos e Izildinha Nogueira.

A própria dificuldade de discutir o tema da cor no campo da psicanálise por si só explícita e permite compreender a pouca receptividade também verificada frente ao corpo-tema ou tema-corpo, mas acima de tudo, o tema do corpo preto na cena e no *setting*. Porém, somente podemos compreender como se dá para o sujeito negro a elaboração no plano psíquico dos sentidos que o racismo traz, se fizermos uma análise dos efeitos da estrutura social sobre o corpo negro. É necessário dar um sentido em particular, variando nos mais diferentes sistemas sociais, aos modos pelos quais certas características e atributos serão privilegiados na constituição da subjetividade, sejam eles morais, intelectuais ou/e físicas. Portanto, ao pensarmos o corpo negro, percebe-se que este é construído a partir daquilo que é execrável na cultura ocidental, e, portanto, compreender que essa cultura o afasta pela negação. Nogueira (1998) nos diz:

Vítima das representações sociais que investem sua aparência daqueles sentidos que são socialmente recusados, o negro se vê condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social. Para o indivíduo negro, o processo de se ver em um “nós” em relação às tipificações sociais inscritas no extremo da



desejabilidade esbarra nessa marca — o corpo — que lhe interdita tal processo de identificação (NOGUEIRA, 1998, p. 44).

A marca carregada no corpo indesejado, repositório do negativismo, faz “o negro em determinados momentos ficar enclausurado no próprio corpo” (Fanon, 2008, p.186), visto o aprisionamento causado pelo passado escravocrata e por sua reatualização na constante transformação do racismo. Na frase “Meu corpo faz sempre de mim um homem que questiona” (Fanon, 2008, p. 191), o autor pretende estilhaçar as amarras que podem aprisionar até mesmo o negro sincero, cujo corpo é capturado pela objetificação e tensionamentos constantes.

Deivison Faustino (2018) compreende em seus estudos que o isolamento racial não foi uma escolha de Fanon, visto que ele buscou manter relações em todos os grupos, mesmo diante de uma sociabilidade extremamente segregadora que não superava o olhar racializador. Nesse tipo de sociabilidade, ele apontava uma relativa ambivalência, ao perceber por vezes, ao invés da recorrente fobia do corpo negro, manifestações de um desejo com elementos animalizados.

A racialização é o processo pelo qual um indivíduo é focado segundo variante étnica ou a circunstância etnoracial. Nas Américas, designa o fato de que os africanos e seus descendentes se vissem e fossem vistos privilegiando-se a pigmentação de sua pele, principalmente para o cativo, impondo-lhe o esquecimento de sua condição de africano e a lembrança de sua condição de “negro”. (Lopes, 2011) Dadas essas especificidades, questionamos e acreditamos que o *setting*, assim como a (o) profissional psi que aí se encontra precisa estar preparada (o) para as seguintes reflexões: como se dá a chegada do corpo negro ao consultório psicológico? Como pensar e desenvolver um *setting* racializado? Esse artigo pretende trazer algumas reflexões para essas questões.

O CORPO NEGRO NO SETTING PSICOTERAPÊUTICO

A temática do manejo na clínica se apresenta para a prática psicológica como um grande desafio. Encontramos durante a formação em psicologia, as mais diversas orientações e formas de compreensão da suposta condução e leitura do ser que adentra ao consultório psicológico. No encontro psicoterapeuta-cliente, inicia-se uma troca singular, por mais que se pense ou oriente pela linha X ou Y. Em que pese o forte lugar



da palavra, não podemos negar a grande importância do corpo que atravessa e é atravessado pela palavra. Em muitos cenários, a palavra torna-se um ente muitas vezes apartado das expressões ditas corporais, contudo gostaríamos de propor algumas reflexões sobre o corpo como instância inseparável da *psiquê* e, por consequência, da palavra e das questões coletivas e sócio-históricas que o atravessam.

Um discurso nada é sem um corpo que não só enuncia uma narrativa, assim como um lugar no mundo. Spinoza (2019) afirma que não há nada que aconteça no corpo que não afete a mente de forma positiva ou negativa, visto que a ordem e a conexão das ideias que se fazem na mente, também se concatenam nas afecções do corpo e, ao mesmo modo, inversamente.

Assim, para Spinoza, tudo o que afeta a mente afeta o corpo, e vice-versa. Isso porque os dois atributos que ele propõe, mente e corpo ou substância extensa e substância pensante, expressam uma única substância, que é Deus, ou natureza. São como duas faces da mesma moeda, que se distinguem, mas não se separam.

Os corpos negros diaspóricos, por exemplo, são atravessados pela marca do colonialismo, do racismo, do capitalismo e do patriarcalismo. Tais marcas são produtoras de afetos tristes, se dando de forma contínua na história. Os afetos são definidos por Spinoza como variações de potência, sendo os afetos tristes diminuições de potência, enquanto as variações de potência para mais correspondem a afetos alegres. Sendo fenômenos da natureza, o estado dos nossos afetos é transitório. Por isso podemos dizer que a história da resistência negra corresponde também à invenção de múltiplas estratégias para o aumento da potência e superação dos afetos tristes, no sentido do está expresso na proposição 12 da parte III da Ética de Spinoza: “A mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo.” (Spinoza, 2009, p. 179). Teremos que pensar a clínica, nesse contexto, como também ligada à luta do corpo e da mente pelo aumento da potência.

Os corpos negros são atravessados pela herança violenta de invasão, da exploração e da subordinação, incutidas por um processo de retroalimentação e renovação entre essas forças, capturando e exigindo esforços por parte desses corpos. Essas experiências precedem narrativas “supostamente” individuais, que poderiam ser trabalhadas pela *talking cure*. Chamar à atenção a essa precedência foi a grande



contribuição dos psicanalistas pretos para o desenvolvimento de uma psicanálise cada vez mais diversa e ampla na compreensão sobre as questões ditas de ordem emocional.

O corpo negro urge pela sustentação e pelo estabelecimento de uma confiabilidade na relação terapêutica. Esses pontos podem parecer simples questões, mas apontam para uma necessidade muito íntima. A vida da pessoa negra em nosso país é desde a gestação atravessada pela vivência do racismo. Infelizmente nós pretos da diáspora chegamos a esse mundo desde nossa fase embrionária atravessados por esse sistema violento e inseguro. É importante destacar que não estamos considerando aqui apenas a uma mera questão de classe, mas uma forte e imbricada teia de iniquidades garantidas pelo racismo nas diferentes instâncias de uma sociedade. Graças a muita luta dos que vieram antes de nós, atualmente contamos com alguns poucos negros em classes sociais mais favorecidas, mas também ainda compomos, de forma substancial, os estratos mais pobres da sociedade.

O racismo nos atravessa desde a fase embrionária, pois uma mãe preta é atravessada por angústias muitas vezes inconscientes do que significa ser uma mãe preta em nosso país. Adentramos um universo complexo dos receios mais fortemente recalçados ou superconscientes apontando para os extremos, em que ou nos deparamos com os receios não verbalizados e pouco elaborados ou também com aqueles que estão à flor da pele, como fios desencapados. Se o filho for menino, temos medo de perdê-lo precocemente, pela prática da violência de Estado instituída como prática de segurança pública, da qual os corpos de homens pretos são o principal alvo. Mbembe (2018) afirma que essa política deve ser conceituada como uma necropolítica, visto o uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, ser determinado por meio de ações ou omissões, geradoras de condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade. Em contextos de desigualdade, são criadas zonas de exclusão, violência e condições de vida precárias, determinando quem pode permanecer vivo ou quem deve morrer. Vivenciamos essa realidade nas operações militares com a legitimação e o exercício do direito de matar, mas esses já não constituem o único monopólio dos Estados. O “exército regular” já não é o único meio de executar essas funções, pois contamos também com milícias urbanas, exércitos privados e segurança privada que atuam em conjunto com o Estado.

Já se a filha for menina, temos a supersexualização e a subalternização, esperada para os nossos corpos. Lélia Gonzalez em seu artigo *A mulher negra*, enfatiza que:



O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: “domésticas” ou “mulatas”. O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. (GONZALEZ, 2020, p. 37)

A autora aborda o lugar instituído pela sociedade para o corpo da menina-mulher negra: percebemos esse lugar no olhar de espanto com frequência dirigido a uma médica negra, por exemplo, pela quebra da lógica colonial instituída. Ao falarmos de Brasil, essa lógica é muito marcada, visto a existência de grande número de pessoas pretas, ditas “quase da família” que sempre se ocuparam dos afazeres domésticos das amas brancas, atualmente patroas, que estremeeceram ao ser promulgada a lei das empregadas domésticas.

Uma outra questão está ligada aos filhos das relações inter-raciais e das dificuldades enfrentadas, dependendo da cor da pele do rebento, por várias mães pretas. Elas são confundidas com babás e violentadas ao terem sua maternidade invalidada quando se duvida de que sejam mães dos seus filhos. Por outro lado, mães brancas são surpreendidas ao terem o lugar de proteção oferecido pela branquitude rompido quando geram filhos pretos e percebem os ataques a eles desferidos gratuitamente, pelo simples fato de carregarem a marca da melanina.

Ao ser gestada uma criança preta, ela já entra em contato intrauterino com várias tensões vivenciadas pelo corpo materno e pelo núcleo familiar com a expectativa dessa chegada. A chegada ao mundo é atravessada por sensações várias que vão sendo dia a dia inscritas nesse corpo, assim como ocorre com uma criança branca, mas a diferença é que o corpo de uma criança preta estará desde sempre atravessado pela realidade do racismo e seus desdobramentos, seja qual for a condição ou localização dessa criança em nosso país.

A formação desse corpo afro diaspórico será submetida a tensões desde sempre e essas tensões deixarão marcas nesse corpo, o qual contará no seu processo de desenvolvimento com a chaga onipresente das várias expressões do racismo. Claro que essa criança é salva por doses diárias de diferentes formas de resistência de nosso povo, estratégias desenvolvidas pela nossa ancestralidade transmitida intergeracionalmente há



muito para sobrevivência do nosso povo ao trauma colonial diaspórico e renovadas constantemente em nossos corpos e passos.

Tavares (2020) e Martins (2021) ao estudarem corpos negros, oferecem um olhar a partir de um fenômeno que extrapola dualidades, por isso mesmo plástico, dinâmico, resiliente, autopoético, adaptável e atravessado por distintas formas de ‘dobras’ e ‘quebras’ localizadas no pós travessia atlântico. Corpo que é, sobretudo, plural, síntese dos corpos que foram aprisionados, embarcados e trazidos para a voraz máquina econômica do antigo sistema colonial. Corpo-síntese dos corpos mercadorias que por séculos, foram banalizados, percebidos e visualizados como desprovidos de alma pelos raptos, detratores e algozes coloniais. Estes corpos com todas as violências a eles infligidas, são sínteses também de saberes de África, de amores e aquilombamentos, de resistências e re-existências, dos saberes das danças que curam, das cantigas que comunicam e expurgam, do conhecimento dos astros, das ervas, dos terreiros, das lutas, das estratégias das tranças nagôs, dos sambas.

O corpo preto que é o alvo histórico de ataque, também é a potência de resistência, corpo que se reafirma pela música, pela dança, pela poesia, pelo *slam*⁵, pela arte, pela atuação, pela intelectualidade, pela existência a despeito de tudo que tenta e deseja destruí-lo. É importante destacar o grande valor do corpo na nossa resistência. Todo corpo necessita de expansão: encontra rotas de fuga da opressão, permitidas ou não. As rotas de fuga são a nossa especialidade, um corpo que precisou desenvolver estratégias para estar no mundo, por isso nosso corpo é tão presente em nossas atuações. Temos por exemplo as temáticas ditas intelectuais, construídas pelo nosso povo presentificando o nosso corpo, a grande escritora Conceição Evaristo (2020) ao cunhar o conceito de ‘escrevivência’ afirma que:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. (EVARISTO, 2020, p. 31)

Quando nossas experiências e vivências são incorporadas à escrita, nossa existência é corporificada. Leda Maria Martins (2003) apresenta a força de nosso corpo através da oralitura, ela destaca que nos rituais afro-brasileiros, o sopro, o hálito, a

⁵ Roberta Estrela D’Alva (2014) afirma que o *slam* pode ser definido como uma competição de poesia falada, espaço de livre expressão poética e debate de questões da atualidade ou de entretenimento.



palavra poética vocalizada, a *performance* do corpo transmitem não só expressão, potência e poder, mas é um portal de sabedoria, força intergeracional de nossa ancestralidade presentificada nos congados, nos batuques.

Contudo, quando menciono marcas aponto para os tensionamentos musculares, oriundos de olhares invasivos, geradores de retraimentos inconscientes e preparo interno para proteção e ataque. Não por acaso recebemos tantos casos em que a ansiedade e a depressão são os principais panos de fundo dos sintomas de insegurança, sentimentos de inadequação evocados como sintomas individuais de uma chaga social. Nosso corpo possui sempre uma reserva de proteção, visto que todos os corpos precisam ter um campo de proteção do verdadeiro *self*, do nosso gesto espontâneo e de nossa força vital, segundo Winnicott (1983, 1994). O núcleo inviolável do ser é mantido segundo esse psicanalista, resguardado de invasões e de situações geradoras de angústia. É para sua proteção que surge um falso *self* “social” presente em todos nós, uma máscara social de sobrevivência nessa sociedade extremamente invasiva. Retomando aqui nossas reflexões acerca desse corpo negro muito atacado, dando ênfase ao corpo enquanto repositório da violência transgeracional do racismo, manifestaremos, mesmo sem perceber, marcas entrelaçadas à fala no *setting* analítico.

O *setting* analítico precisa ser um campo de relaxamento, de extravasamento e escoamento de raivas escamoteadas e de nutrição desse corpo com as suas potencialidades e heranças. Um cenário em que os tensionamentos inscritos no corpo possam emergir e se presentificar, não só através do *talking cure*, mas também através do reconhecimento do valor desse corpo. Fanon (2008) afirmou: “ainda espero por mim na porta do cinema” (Fanon, 2008, p. 126). Essa fala diz respeito à espera pelo encontro consigo, com o direito a ser, que nos é negado desde a chegada nesse mundo.

Quais teorias nos negam, estigmatizam ou nos mutilam? Eis a pergunta colocada por Santos e Silva (2018). Serão descritos diversos tipos de encontro, buscando-se fazer uma psicologia de terreiro, dos povos indígenas, quilombolas, moradores de favela, construindo conjuntamente caminhos de pesquisa, de metodologia e de questões a serem pesquisadas. Assim, ao escrever sobre o manejo da clínica racializada, Regina Suama Ngola Marques (2022) nos diz:

As populações negras, mesmo diante da tragédia cotidiana, estão abençoadas por uma forte presença civilizacional. Resistente e insistente, que não cansa de se fazer permanecer e existir. Porque somos capazes de ouvir as bençãos, canções, de nossa ancestralidade. Ouvir estas canções, e o clamor presente na história humana, é o desafio maior. É o desafio não apenas para a psicologia, no



manejo clínico das escutas terapêuticas do sofrimento psíquico do racismo.
(MARQUES, 2022, p. 212)

Nessa direção, tomemos a afirmação de bell hooks em *Erguer a voz* (2019) ao valorizarmos o *setting* como o lugar em que o corpo preto possa se manifestar.

Fazer a transição do silêncio à fala é para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (hooks, 2019, p. 39)

Por isso, precisamos refletir como e onde se apresenta a resistência da(o) analista quando tratam dos corpos(as) negros(as).

Ao discutir sobre a mente da(o) analista, Figueiredo (2019) aponta que o campo transferencial é uma criação compartilhada da(o) analista e da(o) analisanda(o), sendo para ambos parte de seus mundos internos e externos. Isto significa que a mente da(o) analista é um personagem nativo e estrangeira(o) desse território que ela(e) ajudou a criar, na atualidade da ‘realidade clínica’ constituída de diversas dimensões do inconsciente. Acredita que assim como todas as fantasias despertadas na(o) analista no exercício de seu ofício, também as fantasias de reparação onipotente não podem ser apenas reprimidas, embora o sejam parcialmente, ou mesmo cindidas, suprimidas, extintas. Precisam ser sublimadas, por exemplo, através da escrita da psicanálise, fazendo avançar a nossa capacidade de escuta e pensamento, acrescentando elementos históricos e sociais a partir do corpo, lugar de existência e marcas também da(o) analista.

Portanto, é fundamental racializar a(o) psicoterapeuta/analista entendendo que ela (e) também faz parte do *setting*, e que, por isso, pode se transformar em um fator iatrogênico para os que procuram por seus serviços. A iatrogenia se presentifica na negação de narrativas em que a temática do racismo é trazida, reduzindo-as a questões individuais, quando a supremacia da branquitude associada ao lugar de suposto saber toma conta da cena gerando rigidez e autoritarismo. Ou quando a(o) psicoterapeuta não consegue compreender a multiplicidade e complexidade do ser negra(o), e precisa ampliar seu olhar sobre o direito de expansão desse corpo para além do racismo que constantemente reduz as potências subjetivas.



A(o) analista sustentará o *setting* na sua presença, na sua constância, na confiabilidade oferecida, e no trabalho da relação transferencial e contratransferencial. O corpo da(o) analista também está na cena, em um encontro com o corpo da(o) cliente. Esse encontro precisa se dar como uma dança em que os corpos se encontram, avançam, se retraem, entendem o espaço e o tempo do outro, evitando ao máximo invasões ou entradas que tentam antecipar o tempo do outro.

Nesse encontro de corpos é que o *setting* se presentifica como unidade corpórea, símbolo do contorno, do suporte, da confiabilidade e da sustentação oferecidas e, sobretudo, verdadeiramente presentificadas. Winnicott afirma que o *setting* não pode ser rígido, aprisionado nas interpretações dos conteúdos inconscientes. Nele também precisa se expressar o criativo, a possibilidade de adaptação às necessidades do cliente, cujas demandas ditam o ritmo, cabendo ao analista a humildade e a capacidade intelecto-criativa de se abrir para o atendimento daquilo que cada um apresenta, compreendendo seu próprio limite, trabalhando suas limitações, e aprendendo com cada caso a multiplicidade que adentra o consultório. O *setting* não pode ser para o cliente, um espaço de doutrinação e de autoritarismo, mas sim um campo fértil para a expressão do gesto espontâneo, para o acolhimento do sofrimento, da potência e da loucura.

Pensando no lugar do corpo, recorreremos à técnica da Análise do Caráter, desenvolvida por Wilhelm Reich, que propõe ao paciente estar de frente para o psicoterapeuta, sentados frente à frente, de modo que possam se encontrar visualmente, entendendo como fundamental o encontro das corporeidades, compreendendo mente e corpo como uma unidade funcional, logo reações fisiológicas poderão ser experimentadas e percebidas por ambos neste campo relacional.

Reich desloca o lugar exclusivo da palavra na cena clínica para pensar as sensações a partir do que é dito, bem como a constituição física do sujeito a partir de sua história de vida, das marcas evidenciadas em seu corpo e em seu comportamento. Dará a essas marcas o nome de couraça. Marcas expressas no corpo que oferecem informações registradas que contam sobre o sujeito, sua história, suas crenças, seu lugar no mundo.

Ainda assim, é relevante destacar que a cor dos sujeitos não entrou nas análises reichianas, nem quando estas vieram para o Brasil e se propuseram pensar subjetividades da população brasileira. A teoria, entretanto, possibilita um arcabouço



teórico relevante quando coloca em primeiro plano o trabalho na transferência negativa. Afonso (2018) apresenta um fragmento clínico, no qual após ouvir o relato de dor de uma paciente, lhe oferta para leitura um texto que aborda as dores de ser negro. O texto referido é *Da cor ao corpo*, de Jurandir Freire Costa, mas confessa que se surpreende quando a paciente retorna na sessão seguinte discordando do texto, visto que ele localiza o ser negro apenas na dor. Assinala que a paciente lhe fez ver que há outros processos psíquicos implicados no racismo, que envolvem resistências (aqui compreendido como re-existências) e que os negros nem sempre cedem a ideologia do embranquecimento, ou se deixam calar, havendo também a busca do próprio valor, do amor-próprio, de outras identificações e identidades.

A força da re-existência pode ser compreendida como uma luta pela afirmação de nossa potência. Cristina Rauter (2017) em seu livro *O medo do crime no Brasil: controle social e rebelião* afirma que a luta apontada por Spinoza acontecerá tanto no corpo quanto na mente, sendo essas instâncias “duas formas de expressão desse mesmo combate” (Rauter, 2017, p. 70). Essa luta de resistência e re-existência herdada de nossa ancestralidade, tornou-nos especialistas em traçar novas rotas, novos caminhos de vida e respiro, nossos corpos se tornaram exímios conhecedores de dribles, danças, malandragens, encontro de linhas sinuosas de vivência e de direito pela saúde e pelo bem viver. É nessa rota que o cuidar precisa seguir, o *setting*-corpo terapêutico necessita abrigar e potencializar essa luta, ressignificando formas de cuidado que retirem do centro os universalismos mentirosos e limitantes desse espaço que se pretende potência, liberdade e movimento. É nessa luta que nossos corpos podem cada vez mais quebrar as amarras, os grilhões que ainda aprisionam subjetivamente ao não nos compreendermos enquanto potência que somos. Para Spinoza (2009) é na luta que poderemos estar sob a jurisdição de nós mesmos, agindo com autonomia e liberdade, encontrando uma dinâmica constitutiva em que é possível ter independência, independente das variações de potência tão comuns aos encontros. Estando sob a jurisdição de nós mesmos, nos movimentamos cada vez mais de acordo com nossa inteireza de corpos e mentes, livre de medos e amarras que aprisionam pretos e brancos.

O preto não é. Não mais do que o branco. Todos os dois têm que se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade (FANON, 2008, p. 191)



É na desalienação dos corpos e das mentes que poderemos estar sob a jurisdição de nós mesmos, só assim caminharemos em prol da liberdade, como afirma Fanon, nos afastando das vozes desumanas que nos foram imputadas através das várias opressões geradoras de iniquidades que nos afastam de nós, gerando um abismo de desconhecimento e distanciamento da verdadeira liberdade.

CONCLUINDO: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DOS ENCONTROS E DESENCONTROS ANALÍTICOS.

Benedito e Fernandes (2020) observaram em seus estudos, que o racismo é sinônimo de sofrimento e que não há aspectos da vida dos negros que não estejam atravessados por ele de maneira direta ou indireta. A dificuldade de reconhecê-lo como expressão de uma violência distinta de outras favorece sua perpetuação, e no que concerne à Psicologia, ainda que avanços significativos tenham sido feitos, é necessário haver uma contínua reflexão, um processo de mergulho e elaboração que permita a abertura de um novo caminho capaz de levar à uma real transformação dessa herança psíquica. Tal transformação poderá levar a uma nova aproximação da problemática racial e dos traços históricos dessa questão no país, no sentido de compreender seus atravessamentos psíquicos e corporais junto à população. É essencial que a Psicologia, enquanto ciência e profissão compreenda os fenômenos psíquicos a partir das questões apresentadas em processos singulares, entendendo a constituição subjetiva como produzida nos vínculos sociais e grupais. As singularidades só serão escutadas se contemplarmos as vicissitudes de suas relações com a estruturas sociais.

Assim, as formações em psicologia têm a obrigação de romper com o pensamento fálico-colonial, reducionista dos corpos e das subjetividades, preso em lógicas binárias e nada criativas. No Brasil temos inúmeras publicações que se propõe a olhar para uma psicologia afro-indígena brasileira, o Dossiê Temático *Racismo, Saúde Mental e Território: Desafios Políticos e Epistemológicos na Clínica Ampliada* publicado no ano de 2018 pela presente revista, por exemplo, intenciona ampliar as reflexões e práticas acerca de uma psicologia comprometida epistemologicamente com o saber e com a responsabilidade social. A quebra com a lógica binária, ancorada na falácia da neutralidade e do epistemicídio branco-colonial é condição *sine qua non* para abertura à multiplicidade dos seres humanos. Atuando no sentido da



transdisciplinaridade, o *setting* poderá fazer valer não só o intelecto, mas também o criativo e o lúdico, compreendendo-os como lugares de importante valor. A transdisciplinaridade entendida como potência, como possibilidade de circularidade, de olhar múltiplo para realidade e como afirma Grada Kilomba, lugar de descolonização do conhecimento e desobediência. Que possamos seguir com a potência simbólica instauradoras de normas “comportamentais desobedientes e contra coloniais que se perpetuam pelas ruas, rodas de samba, rodas de capoeira, pelos palcos e pelos terreiros” (Santos, 2020, p. 105).

Lembramos que o *setting* trazido aqui como o espaço da prática dos consultórios também precisa ser ampliado, não se reduzindo a esse campo tão elitista que é o lugar da psicologia dita clínica. Precisamos permitir o fazer clínico nas praças, nos campos, nas rodas, nos terreiros, nos espaços, corporificando e ampliando nossas práticas. Nesse sentido, Freud foi muito criativo ao analisar caminhando pelos jardins, mas Fanon traz o grande salto que tentamos alcançar nesse artigo em sua citação:

Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo me lembrar a todo instante que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente (FANON, 2008, p. 189)

Lembre-mos das muitas lutas e das muitas dívidas da psicologia para com a saúde mental da população negra. Nossas formações e a garantia de um olhar racializado presente de forma transversal nos cursos de formação é de suma importância para a quebra de tantas amarras, mas acima de tudo, para que haja uma verdadeira ação de recriação não aprisionada. Que a criação ativa e questionadora nos permita compreender que não são necessárias apenas uma ou duas disciplinas para abordar raça, mas que é necessário pensar raça, gênero e sexualidade, conjugando todos esses aspectos nas nossas reflexões, supervisões e debates clínicos. Só assim realmente estaremos abertos a receber esses corpos, nossos corpos que há tanto tempo esperam por ser contemplados e cuidados da forma que realmente necessitam, abrindo-se para a recriação e para a superação do racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AFONSO, Maria Lúcia Miranda. Do silêncio à denúncia, da denúncia ao testemunho, do testemunho à criação: caminhos da análise. In: BELO, Fábio (org.). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018. p. 09-20.

BARROS, Glória. O Setting analítico na clínica cotidiana. *Revista Estudos de psicanálise*. Belo Horizonte, n. 40, dez. 2013. p. 71-78 Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30/07/ 2023.

BENEDITO, Maiara de Souza; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. As Heranças da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2020, v. 40. p 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229997>

D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

FANON, Franz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison. *Franz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. *A mente do Analista*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2021.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra. In: RIOS, Flávia; e LIMA, Márcia. (orgs). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. São Paulo: Zahar, 2020. p.84-100.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MARQUES, Regina Suama Ngola. Manejo clínico em psicologia do racismo e jovens universitárias. In: GALINDO, Dolores Cristina Gomes; MARQUES, Regina Suama Ngola; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de (orgs.). *Psicologia em epistemologias negras: ações afirmativas na Universidade*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2022. p.183-218

MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. In: Letras, n. 26. Santa Maria, 2003. p. 63-81. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>

Acesso em: 30/07/2023.

MARTINS; Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.



MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. *A cor do Inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista; Cor e Inconsciente. IN KON, Noemi; SILVA, Maria Lucia da., ABUD, Cristiane Curi. (orgs.). *O Racismo e o Negro No Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 121-126.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Frantz Fanon, psicologia e psicanálise: epistemologias da violência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. 24, 2018. p. 40–66. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/573>. Acesso em: 21/09/2023.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; NASCIMENTO, Maria da Conceição. Racismo, saúde mental e território: desafios políticos e epistemológicos na clínica amplificada. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. 24, 2018. p. 3-15. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/571>. Acesso em: 21/09/2023.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; NASCIMENTO, Maria da Conceição. Psicologia e relações raciais: sobre pagamentos e visibilidades. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. 24, 2018. p. 216–240. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/582>. Acesso em 21/09/2023.

SANTOS, Laudelina Pereira dos. A filosofia do malando: estéticas de um corpo encantado pela desobediência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. 31, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/834>. Acesso em 30/07/2023

PRESTES, Clélia. Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*; v.12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “III ANPSINEP Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es”; outubro de 2020. <http://dx.doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.c3.p52-77>

RAUTER, Cristina Mair. *O medo do crime no Brasil: controle social e rebelião*. 1. ed. -Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

REICH, Wilhelm. *Análise do Caráter*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, Wilhelm. *A função do Orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RUSSO, Jane. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*; Rio de Janeiro; Editora UFRJ.

SANTOS, Abrahão de Oliveira; SILVA, Viviane Pereira da. A Pesquisa no Kitembo: pistas para a construção de uma psicologia aterrada. *Arcos Design*. Rio de Janeiro, PPD ESDI - UERJ. Edição especial *Design.com* v. 11 n. 1, julho 2018. p 7-20. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesig>. Acesso em: 30/07/2023.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



SPINOZA, Baruch. *Tratado Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TAVARES, Júlio Cesar de. *O que pode um corpo negro: uma introdução: Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas - perspectivas etnográficas*. Curitiba: Appris, 2020.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 44, n. 80, jun. 2011. p. 65-77. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 30/07/2023.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: WINNICOTT, Donald Woods. *O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

WINNICOTT, Donald Woods. Medo do Colapso. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p.70-76.

WINNICOTT, Donald Woods. O Ódio na Contratransferência. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 277-287.

WINNICOTT, Donald Woods. A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 195- 202.

Recebido em: 18/08/2023

Aprovado em: 19/08/2023